



APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

PAISAGENS INUNDADAS

experimentações escolares e(m) imagens

*Wenceslao Machado de Oliveira Júnior*¹
wenceslao.oliveira@gmail.com

*Marisa Valladares*²
marisavalladares@gmail.com

*Flaviana Gasparotti Nunes*³
flaviananunes@ufgd.edu.br

*Uma paisagem absolutamente canônica, melhorada
pela Inundação*

Joseph Brodsky e(m) Gonçalo Tavares

Numa das conferências do personagem Senhor Eliot em um dos livros da série “O Bairro”, do escritor Gonçalo Tavares, encontra-se o verso de Joseph Brodsky “Uma paisagem absolutamente canônica, melhorada pela Inundação”, tomado como epígrafe deste texto. Palavras, corpos e espaços misturam-se em suas múltiplas grafias e aparecimentos. Experimentam-se mutuamente nos encontros e desvios que uns fazem nos outros. Derivam de si mesmos ao fazerem rizoma, ao inventarem uma paisagem aberta a outros devires.

¹ Professor Dr. MS 5, Faculdade de Educação-UNICAMP, Doutor em Educação. Av. Bertrand Russell, 801, Cidade Universitária “Zeferino Vaz”. Campinas (SP). CEP 13083-865

² Professora da Universidade Federal do Espírito Santo - Centro de Educação – LEAGEO. Doutora em Educação pela UFES. Av. Fernando Ferrari - Campus Goiabeiras - Centro de Educação - LEAGEO - UFES - Vitória (ES). CEP 29075-015

³ Professora da Universidade Federal da Grande Dourados, Doutora em Geografia pela UNESP/Presidente Prudente. Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Rod. Dourados-Itahum, Km 12, Cidade Universitária. Caixa Postal 533. Dourados (MS). CEP 79804-970

Este texto é um deles. Ele faz rizoma com as imagens e escritos que se seguirão, bem como com o convite enviado aos autores deste dossiê.

Tendo em vista as preocupações, pesquisas e publicações a respeito das imagens em suas múltiplas interfaces com a Educação e/ou com a Geografia Escolar vimos convida-la(o) a participar do dossiê “Experimentações escolares e(m) imagens” com a escrita de um artigo-ensaio com temática livre dentro do escopo proposto.

A intenção deste dossiê é ampliar o diálogo com outros pesquisadores e grupos de pesquisa brasileiros e latinoamericanos em torno das pesquisas e criações do Projeto-Rede “Imagens, Geografias e Educação”, no qual temos buscado encontrar outras potencialidades das imagens na composição de percursos educativos que não as habituais: grosso modo, outras estéticas, sentidos e sem-sentidos nas/das imagens, para além da ilustração/comunicação/informação. Nossa busca não é de contraposição, mas sim de estabelecer certos combates àquilo que impede as imagens de variar, de derivar em outras direções que poderiam vir a ser potentes para se inventar outras maneiras de habitar o mundo com/através das imagens, de outras maneiras de configurar a educação contemporânea, de trazer ao espaço geográfico, como diria Doreen Massey (2008), um caráter mais vívido, mais desafiador e intrincado em nossas existências.

Por isto este Projeto-Rede traçou três combates que interligam as três palavras que o nomeiam (Oliveira Jr, 2013), os quais, em linhas gerais, seriam:

1. Combate no campo das imagens: assumindo a inerente dimensão educativa e subjetivadora que as imagens tem em si mesmas (assim como qualquer objeto da cultura) nos voltamos a fazer experiências e proposições de como poderíamos e podemos lidar com as imagens de outras maneiras de modo a desacostumar, a nós mesmos e aos professores e alunos de maneira geral, os sentidos e significados que damos a elas. A principal ação educativa (subjetivadora) de uma imagem é nos dizer como devemos **experimentar a imagem**, nos expormos a ela, **como imagem**.
2. Combate no campo do (conceito de) espaço: assumindo que o pensamento espacial geográfico tem sido, de certa maneira, aprisionado numa concepção redutora do que seja o espaço: a) como algo extensivo, sobre o qual se dispõem as coisas; e b) como algo que se dá fora das imagens/linguagens, as quais simplesmente o capturariam/registraríamos, sem que ele ganhasse existência também como/nas/através das imagens/linguagens. Para nós, **o espaço é tomado como algo expresso nas obras** – mapas, fotografias, vídeos... – e não como algo ali representado. Espaço como algo que se configura na intensidade da vida (das/nas imagens) e não como uma superfície sobre a qual a vida se dá. Espaço como composições eventuais de trajetórias-forças coetâneas, humanas e inumanas, que negociam poderes-relações a cada momento-lugar, estando todas elas sempre em devir, abertas para o porvir, para outras composições espaciais que se façam existir.
3. Combate no campo da educação: que pode ser realizado a) **sobre/com as forças-trajetórias inumanas** que compõem a educação contemporânea (tanto escolar como não escolar) ao criarmos ou lidarmos com imagens que fogem dos sentidos e lugares culturais já estabelecidos para elas (seja dentro ou fora dos percursos escolares), uma vez que, ao forçarmos o

Paisagens inundadas...

aparecimento de outras formas imagéticas em atividades educativas, estamos forçando também os professores e alunos a terem que lidar com as imagens (as novas e as já institucionalizadas) a partir de outras possibilidades de pensamento e criação, fazendo com que as imagens (seus usos, sentidos, significados, expressividades...) entrem em devir; e b) **sobre/com as forças-trajetórias humanas** – sobretudo docentes – ao promover experimentações em práticas formativas de professores, de modo que eles pensem em possíveis percursos curriculares que não se apoiem no saber escolar como acúmulo de informações e opiniões (busca de ruptura com a educação como informação), mas sim tomando este saber escolar como algo que prolifera pensamentos. Nestas experimentações busca-se que estes professores venham a lidar com as imagens e linguagens de maneira menos prescritiva-gramatical (informação onde o pensamento para, se estabiliza) e mais aberta-expressiva (obra onde o pensamento acontece, prolifera, sem negar a informação nela presente, mas escapando deste sentido único instituído às imagens nos ambientes escolares).

Através destes combates, pretendemos entrar na batalha por paisagens mais múltiplas e oscilantes que façam derivar a “paisagem sólida” da relação – instrumental, representacional, memorizadora, fechada no documental – que se estabeleceu entre as imagens e o pensamento espacial escolarizado ou a Geografia Escolar. Assumimos, assim, que as experimentações aqui expressas tem a força da inundação destacada por Gonçalo Tavares na frase do poema de Joseph Brodsky.

Em primeiro lugar, uma inundação é um desastre. É algo não controlado. Não previsto.

É grande em quantidade e, além disso – e aqui começamos a tocar no ponto central deste argumento -, é líquida. A inundação remete ao estado líquido descontrolado.

(...)

Mas eis que, lá ao fundo, se sentem já os indícios de algo perturbador. Eis que vem aí a inundação, eis que vem aí os líquidos, os líquidos em grande quantidade, que ameaçam o estado sólido, que parecia eterno. (...)

Trata-se, no fundo, de uma batalha. Mas de uma batalha estranha, já que por norma as batalhas se travam entre dois exércitos numa paisagem. Aqui, contrariamente, a paisagem não assiste à batalha, a paisagem é um dos exércitos. A paisagem canônica é, assim, a parte que tentará resistir à invasão do inimigo: a inundação.

(Tavares, 2012, p.64 e p.66)

Buscamos vencer as resistências sem nos colocarmos contra, mas sim ao fazer rizoma com e através (d)esta paisagem sólida já estabelecida – que se quer uma, canônica, absoluta – desde dentro dela mesma, partindo algumas vezes de seus decalques e clichês, de modo a “generar una relación propia con la experimentación, con un campo de experiencias con el cual dinamizar el proceso productivo” (Álvarez Pedrosian, 2011, p.28) do pensamento espacial e educativo, visando apontar outras paisagens onde as imagens produzem outras miradas para a educação e a geografia escolar, outros funcionamentos das próprias imagens como produtoras de geografias e educações menores.

Portanto, este dossiê não procura informar o leitor acerca do estado da arte da relação entre imagens, geografia e educação. A potência da inundação – pelas palavras e imagens dos artigos e entrevistas do dossiê – está, sobretudo, em não buscar dizer o que é, mas agir através da força (e do sentido) de *criação* que toda experimentação traz a baila: deslocar, mesmo que ligeiramente, a ordem e fazer nascer algo (de) novo que “é dado pelo aleatório, pelo convulsivo, pela força que o próprio sujeito não controla nem prevê, mas que rapidamente assume a potência que comanda esse momento” (Tavares, 2012, p.69), fazendo deslizar aquilo que já estava dado – a paisagem sólida – para margens mais amplas, ondulantes, líquidas, inundadas.

* * *

O dossiê que se segue divide-se em quatro seções que inundam as imagens de outras potências e delírios. Nas duas primeiras, fotografias e filmes configuram experimentações em práticas escolares. Nas duas últimas as imagens extrapolam os limites escolares ao experimentarem potencialidades na formação de professores, na pesquisa e nos livros didáticos.

Abrimos nossas comportas fazendo escoar fotografias que não (só) comunicam ou provam a existência de algo, mas sim expressam aquilo que ganha existência nas e com e através das próprias fotografias.

O artigo de Alessandro Sgobin, *Rasuras e afetos: fotografias e aulas de geografia nas periferias de Campinas*, aborda experimentações com fotografias e(m) práticas educativas. O texto trata de práticas de aula de Geografia em escolas da periferia de Campinas, com o uso intensivo de fotografias digitais que foram “rasuradas” em computador a partir de programas de edição de imagens. As fotografias “rasuradas”, assim como a escrita do autor ao relatar a experiência realizada nos provocam a “rasurar” o próprio pensamento espacial formalizado pela Geografia escolar e tão comumente reforçado em nossas práticas escolares. Neste sentido, ao afirmar que: *“Quando a imagem é rasurada em busca do mágico, esta se põe a namorar com o processo de aula, e não apenas a “reforçá-lo”; dentro do universo que é uma aula, a imagem pode, assim, tornar-se todo um outro mundo e não apenas uma cidade, um bairro, um recorte de espaço dentro de um mundo já posto. Mil caminhos possíveis”*. Alessandro nos provoca e, ao mesmo tempo, nos convida a trilharmos esses “mil caminhos possíveis” em nossas práticas escolares.

Paisagens inundadas...

No segundo artigo desta seção vamos para a rua levados pela autora, Regina Frigério, que é professora formadora de professores de Geografia. O texto, *Mundo-rua: conceito fotografado por crianças*, traz consigo o perfume que Regina fabricou e que continua a exalar com o melhor que criou e viveu como professora de educação básica. Palavras e imagens revelam essa doçura, esparramada para além de limites físicos de escola, no trato com crianças escolares ao brincar e viver a rua como mundo que constroem geograficamente. O mundo-rua é um conceito arduamente burilado com autores que discutem o aprender, entretido com outros que discutem esta dimensão no trato com a Geografia. As crianças fotografam para dizer deste mundo-rua que concebem e as imagens que nos oferecem são interrogações, mais do que afirmações, para nosso viver e fazer docente.

Encerrando esta primeira seção temos o artigo *Reidentificación de la fotografía como una práctica pedagógica: configuración del concepto Lugafot*, Marleny Restrepo Valencia, María Alejandra Taborda Caro e Fernando Henao Granda inventam uma palavra, *lugafot*, na busca de apreender o lugar através de uma categoria que se faz da fusão dos conceitos de fotografia e lugar. A partir de reflexão sobre este último, os autores apontam as potencialidades educativas desta categoria inventada, na medida mesma que ela intenta estabelecer uma relação íntima entre o criador e o observador, entre quem capta a imagem e quem a retoma, buscando apontar que o observador não é passivo, mas sim quem dinamiza o encontro entre a imagem e seu criador. Ao final, relatam experimentações realizadas em aulas de ciências sociais em que o(a) *lugafot* opera pensamentos espaciais onde o perceptível e o intangível compõem os diversos modos de crianças e jovens habitarem um lugar através das fotografias.

O artigo que abre a segunda seção deste dossiê, *Nas Trilhas do Filme – A Imagem como Experiência e a Experiência como Imagem*, de André Novaes, nos leva de volta às ruas e nos coloca, de maneira sutil, diante de algumas perguntas. Será que a possibilidade de “andar na paisagem” nos teria chegado de maneira mais radical pelos filmes? Se os exploradores dos séculos XVI ao XIX antes andavam nos mapas, pois eram estes últimos que lhes davam imagens prévias do espaço-lugar por onde eles caminhariam, não seriam os produtos audiovisuais que nos tem dado as imagens prévias do espaço-lugar por onde caminhamos e caminharemos? A exploração-experimentação do espaço-lugar contemporâneo se iniciaria de um outro ponto de vista? Estaria aí indicado um percurso de “verticalização” da experiência espacial vivido nos últimos cem anos, desde as primeiras imagens do cinema até a profusão de obras audiovisuais que vemos cotidianamente em telinhas e telonas? Se a cartografia inseriu nossos passos nos

mapas – forçando a imaginação espacial a pensar o espaço como superfície horizontal – teria o cinema e seus desdobramentos inserido nossos passos nas fotografias – forçando a imaginação espacial a pensar o espaço como tela vertical?

A experiência escolar relatada no artigo nos coloca diante não de uma destas perspectivas, mas de ambas, da mistura entre elas, da imagem e da imaginação espaciais como coisas mescladas, mestiças, contaminadas, oscilantes.

Sandra Gomez nos leva de volta à escola no artigo *(Des)Encuentros de la mirada ambiental de los profesores y los alumnos en la geografía escolar. El caso del agua, desde el cine de ficción*. A autora nos apresenta uma experiência pedagógica envolvendo filmes no intuito de questionar “*un único sentido del aprendizaje escolar otorgado al cine en la educación geográfica*”. Desta maneira, a partir da temática ambiental, a autora demonstra as possibilidades de outras miradas e pensamentos visuais emergentes nas subjetividades e interesses dos próprios alunos. A experiência relatada destaca as potencialidades da linguagem cinematográfica ao possibilitar a abertura e iniciação da imaginação a partir das narrativas dos alunos, as quais, não necessariamente estão de acordo com as prescrições curriculares da Geografia escolar, conforme as palavras de Sandra: “*dejar fluir otras maneras de ver el mundo da lugar a la imaginación, una imaginación que no tiene lugar en el curriculum de la educación secundaria y que es posible recuperar a través de la cultura visual*”.

A terceira seção do dossiê é inaugurada pelo artigo *Outro olhar sobre o lugar: manejar as lentes para redescobrir o espaço vivido*. Nele acompanhamos o relato dos autores Luciana de Souza e Hanilton de Souza acerca do percurso resultante do convite que fizeram aos seus alunos de graduação: manejarem câmeras fotográficas para captarem, com outros olhares, o lugar do cotidiano de suas vidas. Pelo encantamento das lentes, olhos tecnológicos que revelam detalhes, ângulos, cores, desenhos recortados daquilo que os olhos percebem como um todo, o convite se torna larga análise, resgate de imagens encantadoras e outras surpreendentes do prosaico, revelando geografias inusitadas, prenes de conceitos formais da escola, mas, nem por isto, engessadas em reproduções apenas: meninas e meninos pensam o lugar, formas de viver o lugar, esperanças de transformação do futuro nascido do agora que apresentam. As imagens se tornam textos escrividos, com palavras bordejando suas fímbrias...

No artigo *La emergencia de los nuevos saberes geográficos escolares: pensamientos visuales y narrativos*, María Alejandra Tabora Caro trabalha com filigranas da Geografia como ciência e como disciplina escolar. Usa cuidado e delicadeza,

Paisagens inundadas...

amalgamados com uma crítica séria, no resgate do que se constituiu geografia na aprendizagem educacional ao longo dos últimos tempos em muitos países, dando ênfase à América Latina. Alerta para a polêmica generalização em confronto com a especialização do conhecimento geográfico, na ampliação de tecnologias que favorecem a visibilização de fatos e fenômenos geográficos, apropriados por outros campos de estudo, simultaneamente ao obscurecimento das geografias entretecidas no cotidiano e que permitem às sociedades denúncias e anúncios das condições de seu viver. Destaca como o uso e a produção de imagens potencializa a geografia vivida e ensinada. Aponta como La Red Latinoamericana de Investigadores en Didáctica de la Geografía – REDLADGEO – tem buscado agir no ensino de geografia, como promessa boa de se acompanhar, de se envolver, de esparramar por outras redes.

Lívia de Azevedo, no artigo *Potencialidades narrativas de foto-grafias de cidade*, traça um percurso de pesquisa entre fotos e textos de um lugar: a cidade de Feira de Santana. A autora convida os professores de Geografia a pensarem geografias locais, no contexto das cidades médias “*com um olhar de dentro, e por isso, horizontal e não hierárquico, sobre as nossas memórias, histórias, imagens e paisagens urbanas possíveis*”. Para isso, discute a modernidade e suas variadas formas de progresso, no contexto das quais a feira-livre foi apagada. Ao dar visibilidade à feira, Lívia demonstra como esta estimula sensibilidades e se expressa como um lugar de aprendizagens diversas, criando uma contranarrativa em relação ao discurso hegemônico instituído pela modernidade urbana.

O artigo de Nilda Alves, *Possibilidades de 'uso' de fotografias nas pesquisas de 'espaçotempos' de escolas*, encerra a terceira seção nos colocando diante de pesquisa com/através das imagens, a qual toca de maneira variada nas diversas experimentações com imagens nas escolas. Digamos que Nilda experimenta as imagens em suas pesquisas para pensar a escolar e nos aponta um contexto da pesquisa em Educação que se faz com perguntas às imagens que levam à busca de novas imagens... numa conversa entreimagens sempre desdobrada delas mesmas.

A última seção do dossiê reúne um artigo e uma entrevista acerca das imagens em livros didáticos de geografia.

A partir do sobrevoo em sua própria trajetória acadêmica desde o doutoramento, o artigo de Ivaine Tonini endereça aos professores algumas pistas para que possam pensar as imagens que compõem os livros didáticos de geografia, apontando indícios das variações que estas imagens sofreram devido a programas oficiais de avaliação ou a inovações editoriais vinculadas à internet 2.0. A autora assume as imagens

como produtoras de significados e constituidoras de sujeitos, indicando tanto sua semelhança com as imagens da tevê e das propagandas quanto seu poder em manter identidades fixas ao longo dos anos: “mulher está restrita para determinados setores ocupacionais, ao cuidado filial; índio está aprisionado na harmonia com a natureza e no exótico; negro está confinado nas piores profissões e miséria”.

A entrevista concedida pelo pesquisador Eustáquio de Sene completa esta seção. O entrevistado, autor de inúmeros livros didáticos apontou a centralidade dos verbos mostrar, ilustrar e comparar na escolha das fotografias para compor as obras didáticas em geografia, deixando claro que as fotografias que estão em seus livros foram escolhidas por estarem embebidas na realidade geográfica que se pretende levar a conhecer, sobretudo, a partir do texto escrito: “de fato, a imagem acaba vindo a reboque do texto”. A despeito disto, nos falou do aumento da importância das imagens nos livros didáticos contemporâneos: da tensão entre a diversidade do ensino pretendido e uma certa vulgata que padroniza as imagens.

Do mundo-rua ao lugafot; de pinguins inventados em paisagens periféricas de Campinas à Feira que dá nome à cidade; de fotos de meninos que interrogam “como será?” ou “por que foi?” até pinturas que contam a escola que não vimos, mas que se assemelha tanto a que vivemos; passando por trajetos reinventados por imagens cinematográficas, que em outro caso impregnam e inventam perspectivas ambientais, até questionamentos sobre o uso que se faz de imagens em diferentes perspectivas. Este conjunto de *imagensações* inunda paisagens que compõem nosso *saberviver* docente. Ora abruptamente, como corrente líquida em sua violência contra margens cerceadoras de liberdades, saltam das imagens escritas, desenhadas, rasuradas, raptadas por lentes, lambidas por outros modos de ver, ímpetos de olhar pelo avesso, de mirar por dentro, invadir por outras tramas o que nos dizem sensações para além do olhar apenas. Ora sutilmente, contornam nossas formas de pensar, sobrepujando moldes, desmanchando em desmoronamentos, modorrentos conceitos enclausurados em fôrmas que vão assoreando meandros e criando novas praias para mergulhar, nadar ou até ficar quieto com novas formas de mirar o mundo...

Provocações de professores, às vezes são molecagens sérias para desassossegar paisagens de saberes...

... Então, vamos à busca, catando nessa invasão feita por viveres, saberes, fazeres, poderes e quererres de bons companheiros o que ousarmos aprender, ‘rei(n)ventando’ paisagens canônicas, pluralizadas na multiplicidade de nossos reinados de reinvenções cognitivas e docentes, reinando por elas em ventanias sobre inundações...

Referências

ÁLVAREZ PEDROSIAN, E. **El afuera en el adentro** - Estética, nomadismo y multiplicidades. Montevideo, Licenciatura en Ciencias de la Comunicación de la Universidad de la República: LICCOM-UdelaR, 2011. Disponível em <http://eduardoalvarezpedrosian.blogspot.com.br/2011/09/el-afuera-en-el-adentro-estetica.html>

MASSEY, D. **Pelo espaço** – uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA JR, W. M. Combates e experimentações – singularidades do comum. In: Ferraz, C. B. O; Nunes, F. G. (orgs). **Imagens, Geografias e Educação: intenções, dispersões e articulações**. Dourados, Editora da UFGD, 2013. Disponível em <http://www.ufgd.edu.br/editora/e-books/imagens-geografias-e-educacao-intencoes-dispersoes-e-articulacoes-claudio-benito-ferraz-e-flaviana-g.-nunes-orgs>

TAVARES, G. M. **O senhor Eliot e as conferências**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2012.